



A noção de conteúdo e de expressão no percurso gerativo do sentido ★

Carolina Mazzaron de Castro *

Jean Cristtus Portela **

Resumo: Este trabalho pretende propor uma discussão teórica sobre as análises do plano do conteúdo e do plano da expressão no percurso gerativo do sentido a partir dos princípios e procedimentos teórico-metodológicos propostos pela teoria da semiótica discursiva, sobretudo com os trabalhos apresentados por Lindekens, Thürlemann e Floch na perspectiva da semiótica visual ou plástica. Desde as décadas de 1960 e 1970, com os estudos de Lindekens, vem sendo esboçada uma metodologia de análise do plano da expressão, principalmente pela busca em observar a forma e a substância desse plano, tema que é retomado na década de 80 com os estudos de Thürlemann e Floch que passam a compreender o percurso gerativo do sentido por meio da correlação entre os planos da linguagem. As discussões apresentadas por esses autores apontam diferenças entre os sistemas significantes descritos no percurso gerativo do sentido; retomam os conceitos de forma e substância do conteúdo e de forma e substância da expressão postulados por Hjelmslev; e motivam debates sobre a análise do plano da expressão, tema central da semiótica contemporânea.

Palavras-chave: Conteúdo; Expressão; Percurso gerativo do sentido; Semiótica visual.

Introdução

Desde o início do projeto semiótico criado por Algirdas Julien Greimas na década de 60, com a obra *Semântica Estrutural* (1976 [1966]), é quase consensual que a disciplina semiótica dedicou grande parte de seus estudos à construção do sentido dos discursos por meio dos mecanismos teórico-metodológicos do texto. No entanto, as estratégias para criar ferramentas que possibilitassem interpretar qualquer tipo de texto, seja verbal seja não verbal, recaíram sobre as descrições e definições do plano do conteúdo.

Embora na contemporaneidade existam esforços para constituir uma metodologia operatória de análise do plano da expressão, o modelo considerado *standard* ainda é a “pedra de toque” da semiótica, já que oferece, para o analista, ferramentas precisas de análise

DOI: 10.11606/issn.1980-4016.esse.2018.148463

★ Este trabalho conta com auxílio financeiro do CNPq e da FAPESP (processo n. 16/22466-0).

* Doutoranda em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Araraquara-SP). Endereço para correspondência: (carollcastro@gmail.com).

** Docente da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Araraquara-SP). Endereço para correspondência: (jean.portela@unesp.br).

que reagrupam conceitos basilares da semiótica. Não podemos ignorar, no entanto, que o século XXI é constituído por uma sociedade globalizada e midiática (Portela, 2008), a qual “materializa” textos por meio de diferentes expressões e substâncias¹, o que acaba por atrair ainda mais atenção para a compreensão e estruturação do plano da expressão no momento da semiose².

A análise de textos verbais e não verbais por meio da semiótica discursiva não implica, necessariamente, observar cada texto dentro de uma estrutura previamente construída, mas, sobretudo, verificar as possíveis articulações e construções de sentido que, no texto, produzem uma determinada estrutura. Nessa perspectiva, a primeira “noção” de texto, segundo Barros (2001), diz respeito à sua forma geral, *grosso modo*, o início ou introdução, meio ou desenvolvimento e fim ou conclusão: “A esse tipo de descrição tem-se atribuído o nome de análise interna ou estrutural do texto” (Barros, 2001, p. 12).

De acordo com Matte e Lara (2006, p. 35), é possível afirmar que cada texto “re-forma” a estrutura canônica, seja somando, subtraindo, dividindo ou multiplicando as partes, o que depende do tamanho, formato e tipo de texto e também de sua organização interna”. Por isso, em uma análise textual, seja verbal seja não verbal, a utilização de um recurso analítico que propicie uma divisão coesa das partes pode ocorrer em diferentes níveis dos planos do conteúdo e da expressão, o que depende, entretanto, da(s) linguagem(ns) a serem analisadas, as quais podem variar de texto para texto, de acordo com a situação semiótica que o emoldura.

Destarte, este trabalho propõe uma discussão teórica sobre os planos da linguagem no que diz respeito ao percurso gerativo do sentido, recorrendo, principalmente, às contribuições de semioticistas que exploraram o plano da expressão nas décadas de 60, 70 e 80, agregando à teoria considerada *standard* olhares singulares acerca da metodologia semiótica. Nosso debate parte das investigações legadas por Greimas (1976 [1966], 1975 [1970]) na constituição do percurso gerativo do sentido por meio do plano do conteúdo, até os novos olhares propostos por R. Lindekens (1971a [1968], 2005 [1975]), F. Thülermann (1982, 1986) e J.-M. Floch (1985, 2014 [1987]) sobre uma construção metodológica da semiótica discursiva por meio do plano da expressão. As considerações sobre o plano da expressão apresentadas por esses autores ampliaram e trouxeram novos debates ao modelo operatório do percurso gerativo do sentido que, na contemporaneidade, vem sendo trabalhado de diferentes maneiras³.

Pretendemos demonstrar como os postulados dos autores citados acima marcaram a construção de um percurso gerativo do sentido que observa, sobretudo, as figuras (no nível discursivo) que podem decorrer tanto do plano do conteúdo como do plano da expressão. Greimas e Courtés já discutiam, no tomo II do *Sémiotique, Dictionnaire raisonné de la théorie du langage* (1986), a relação entre figuras, do mundo natural e/ou do discurso, e as experiências perceptivas enquanto elemento do nível discursivo, no percurso gerativo do sentido. Como explica Barros (2004, p. 12), “os temas – conteúdos semânticos tratados de forma abstrata – e as figuras – o investimento semântico-sensorial dos temas – constituem a semântica discursiva e asseguram a coerência semântica, temática e figurativa do discurso”.

¹ Substância, aqui, está empregada de acordo com as definições de Hjelmslev (2006 [1943]).

² De acordo com a descrição de Greimas e Courtés (2012 [1979], p. 447-448), a semiose é a própria função semiótica no processo de produção do sentido.

³ Devido à expansão da disciplina e aos novos horizontes que surgem principalmente nas décadas de 80 e 90 com os trabalhos de Greimas e Fontanille (1993 [1991]), Fontanille e Zilberberg (2001 [1998]) e Fontanille (2008).

1 Breves considerações sobre o percurso gerativo do sentido

A metodologia da disciplina semiótica, desde o princípio, tem como objetivo explicitar as condições da apreensão e da produção do sentido e a organização dos discursos e dos textos através de um conjunto de regras. Em outros termos, procura desenvolver uma sintaxe capaz de entender como se constrói o percurso gerativo do sentido nos mais diversos textos. Ao considerar o texto como uma unidade de sentido constituída por meio da articulação entre um plano do conteúdo (o do discurso) e um plano da expressão (o texto, verbal e/ou não verbal, que manifesta o conteúdo), as características teórico-metodológicas da semiótica têm sido marcadas pela concepção e distinção entre esses dois planos.

No entanto, a teoria semiótica, desde seu surgimento na década de 60, priorizou uma abordagem dedicada à ação e, nessa perspectiva, o percurso gerativo do sentido e os três níveis que o compõem (fundamental, narrativo e discursivo) foram construídos. Fiorin (2002, p. 17) explica que o percurso gerativo do sentido “é uma sucessão de patamares, cada um dos quais suscetível de receber uma descrição adequada, que mostra como se produz e se interpreta o sentido”.

O nível fundamental, por exemplo, abriga, de acordo com Fiorin (2002, p. 21), as categorias que constroem a base de um texto e são fundamentadas na utilização de termos opostos. Simultaneamente a essa “oposição de base”, o nível fundamental é composto por operações de negação e asserção de “premissas”. Fiorin (2002, p. 24) explica que “a semântica e a sintaxe do nível fundamental representam a instância inicial do percurso gerativo e procuram explicar os níveis mais abstratos da produção do funcionamento e da interpretação do discurso”. Pode-se dizer, desse modo, que esse nível seria um “prenúncio” às mudanças efetivas no nível narrativo, sendo “responsável” pela formação do conteúdo e pela formação dos valores gerados no próximo nível.

No nível narrativo, os valores abstratos e virtuais do nível anterior (o fundamental) transformam-se em valores inscritos em objetos – o que faz esses objetos se tornarem objetos-valor (Ovs) – com os quais os sujeitos podem se relacionar, seja por conjunção ou por disjunção. Essa relação entre sujeito/objeto, que confere a “existência semiótica⁴”, soma-se às outras relações que se instauram entre os sujeitos (que manipulam ou são manipulados, que julgam ou são julgados, que disputam Ovs etc.), simulando, dessa forma, a ação do homem no mundo. Para Fiorin (2002), os textos nesse nível são estruturados por uma “sequência canônica”, que compreende as fases de manipulação, competência, performance e sanção.

No nível discursivo, analisam-se as categorias de pessoa, tempo e espaço que projetam o texto numa situação comunicativa, os temas – ou elementos abstratos que explicam e “instauram” uma realidade – e as figuras – ou elementos concretos que constroem simulacros do mundo e recobrem os temas que lhes são subjacentes. Nesse nível, “as formas abstratas do nível narrativo são revestidas de termos que lhe dão concretude” (Fiorin, 2002, p. 41).

Barros (2001, p. 68) pontua que “os valores assumidos pelo sujeito da narrativa são, no nível do discurso, disseminados sob a forma de percursos temáticos e recebem investimentos figurativos”, e a semântica discursiva ocupa-se justamente de investigar como ocorre o processo de tematização e figurativização. Fiorin (2002, p. 64) esclarece que “podem-se

⁴ De acordo com Mendes (2017, p. 36), “A existência semiótica diz respeito à relação biunívoca estabelecida entre sujeito e objeto: o sujeito só existe em relação ao objeto e vice-versa”.

revestir os esquemas narrativos abstratos com temas e produzir um discurso não-figurativo”. No entanto, Cortina e Marchezan (2003, p. 430) sugerem que há diferentes modos de figurativização nos textos – que podem ser esporádicos ou mais intensos –, mas que os textos, em algum momento, são revestidos por figuras e, por esse motivo, é no nível discursivo que se encontra a concretude textual.

De todo modo, o percurso gerativo do sentido, em um primeiro momento, dá ênfase às análises no plano do conteúdo, já que é pressuposto na semiótica considerada *standard* que nesse plano se encontram os sentidos construídos no texto. Porém, se, num primeiro momento, a teoria semiótica analisa o plano do conteúdo, num segundo momento, considerando que o texto só se constitui plenamente quando o conteúdo se junta à expressão, a disciplina busca examinar também o plano da expressão daqueles textos em que esse plano faz mais do que expressar o conteúdo, como ocorre, por exemplo, nos textos de função estética (poema, pintura, cinema, quadrinhos etc.). Neles, como ressalta Lara (2011, p. 3), “o plano da expressão pode não se limitar a expressar o conteúdo (como nos textos com função utilitária); nesse caso, ele cria novas relações com o conteúdo, contribuindo para a significação global do texto”.

O trabalho por meio de análises do plano da expressão despontou no final dos anos 60 com as primeiras pesquisas do discurso visual realizadas por René Lindekens, que tomou como objeto a semiótica da imagem fotográfica. Lindekens (1971a [1968], p. 250) adota o plano da expressão como objeto de estudo para compreender textos não verbais, nesse caso a fotografia, e pressupõe que o signo fotográfico se estabelece por meio de uma “mensagem multicodificada”, capaz de ser analisada pela substância do plano da expressão, constituída pela substância do conteúdo, a “conceituação informativa”.

Anos mais tarde, na década de 80, em busca do mesmo princípio, vieram Jean-Marie Floch (1985), Felix Thürlemann (1986) e outros que deixaram uma grande contribuição à Semiótica do Visual. Barros (1986, p. 32) explica que a necessidade de compreender os sistemas semióticos sincréticos levou os estudiosos a se voltarem para a análise do plano da expressão. Sobre esse aspecto, Jean-Marie Floch (1985) e Felix Thürlemann (1986) dedicam seus esforços para propor análises que dessem conta das linguagens visuais como: o cinema, os quadrinhos, as linguagens poética e plástica, e reconheceram as categorias (do conteúdo e da expressão) no nível da manifestação textual, homologadas na correlação entre os dois planos por meio do semissimbolismo⁵.

Floch (1985) retoma a distinção hjelmsleviana entre sistemas simbólicos e formula, para quando há conformidade em diferentes graus entre os planos da expressão e do conteúdo, os sistemas semissimbólicos, discussão retomada por Thürlemann (1986), que compreende um eixo semântico formado pela correspondência dos dois planos e as diferentes formas de concepção de significados das práticas discursivas, notórias em textos sincréticos e com enunciadores distintos. No mesmo período, Greimas (2004 [1984]) reunia as principais colaborações da semiótica visual na obra *Semiótica figurativa e semiótica plástica*⁶ e afirmava a existência de “semióticas semissimbólicas” caracterizadas por uma organização “monoplana”, que seria concebida sem a distinção entre os planos da expressão e do conteúdo (Greimas, 2004 [1984], p. 94).

⁵ O semissimbolismo associa diretamente os componentes eidéticos, topológicos e fotocromáticos (plano da expressão) com o sentido (plano do conteúdo).

⁶ Que conta com ensaios de pesquisadores importantes no campo da semiótica, tais como Jean-Claude Coquet, Jacques Geninasca, Claude Zilberberg, Teun A. Van Dijk, Julia Kristeva, François Rastier, entre outros.

Nessa perspectiva, esses autores pontuam que há uma correlação entre as categorias dos dois planos, cada um com uma contribuição diferente, e começam a pensar o percurso gerativo do sentido pela articulação entre o verbal e o plástico⁷, dando destaque, principalmente, à noção de figuratividade⁸ que é formada no plano do conteúdo e manifestada por diferentes formas no plano da expressão, assunto que discorreremos adiante.

2 Contribuições teóricas: René Lindekens, Felix Thürlemann e Jean-Marie Floch

René Lindekens (1971a [1968], 2005 [1975]), em meados das décadas de 60 e 70, toma como objeto de análise a imagem fotográfica, pressupondo ser a fotografia uma imagem multicodeificada. Na esteira dos pressupostos de Hjelmslev (2006 [1943]), sobre substâncias e formas do conteúdo e da expressão, o autor propõe uma “autonomia semiótica” do código icônico-fotográfico.

A foto, para Lindekens (2005 [1975]), transmite outras mensagens que já apresentam suas próprias codificações “biossociais”, “psicossociais”, simbólicas, retóricas ou linguísticas no nível da realidade representada (da analogia referencial), assim como da verbalização da imagem independentemente da fotografia. A hipótese, segundo o autor, é de que a substância da expressão interfere na significação de um texto, sendo a responsável por modificar ou traduzir as figuras que irão remeter a um tema sociocultural.

Para discorrer sobre a proposta de Lindekens (2005 [1975]), utilizaremos como exemplo as imagens abaixo, por ele analisadas (ver Figura 1 e Figura 2):



Figura 1: Recorte de imagens do artigo de René Lindekens (2005, n.p.) – Imagens pornográficas e imagens artísticas: abordagem de uma teoria da substância semiótica da imagem.

⁷ Em relação às denominações de semiótica visual ou plástica, que são usadas de maneira indiferenciada, Oliveira (2004, p. 12) pontua que o adjetivo “plástica” pode abranger o estudo do plano da expressão nas manifestações visuais das formas mais distintas (artísticas, midiáticas etc.), e, portanto, prefere a denominação “semiótica plástica”, definindo-a como uma semiótica “que se ocupa da descrição do arranjo da expressão de todo e qualquer texto visual”.

⁸ A noção de figuratividade vem sendo trabalhada por diversos semioticistas na contemporaneidade e, de acordo com Bertrand (2003, p. 154): “A figuratividade permite, assim, localizar no discurso esse efeito de sentido particular que consiste em tornar sensível a realidade sensível [. . .]”. Flavia K. R. Santos tem trabalhado especialmente com essa definição de figuratividade, em suas várias dimensões (Prado; Santos, 2017).

IMAGENS FOTOGRÁFICAS (MECÂNICA)	Vs.	IMAGENS DESENHADAS (NÃO MECÂNICA)
IMAGENS REFERENCIAIS DE UM HIC ET NUC SEXUAL ASSIMILÁVEL AO EROTISMO E REPRESENTAÇÃO DE UM GÊNERO PICTORAL	Vs.	IMAGENS REFERENCIAIS DE UM HIC E NUC ASSIMILÁVEIS AO PORNOGRÁFICO E NÃO REFERENCIAIS DE UMA REPRESENTAÇÃO NÃO PICTORAL
IMAGEM DESENHADA CONFORME A IMAGEM FOTOGRÁFICA	Vs.	IMAGEM DESENHADA CONFORME A IMAGEM FOTOGRÁFICA

Figura 2: Reprodução do quadro do artigo de René Lindekens (2005, n.p.) - Imagens pornográficas e imagens artísticas: abordagem de uma teoria da substância semiótica da imagem.

Lindekens (2005 [1975]) propõe no artigo *Imagens pornográficas e imagens artísticas: abordagem de uma teoria da substância semiótica da imagem* uma entrevista com um grupo de estudantes sobre cada uma das imagens (ver Figura 1) apresentadas acima. Para cada aluno foi apresentado um conjunto de léxico relacionado àquilo que a imagem poderia *querer* dizer. As principais isotopias⁹ apresentadas para o grupo são: ordem, desordem, cumplicidade, recuperação e sublimação. O autor também elenca um conjunto de léxico dito pelos membros do grupo que não articulavam essas categorias, sendo:

S1 (ordem estabelecida): castidade, costume, esposa, fidelidade, casamento, mãe, procriação, virgem. S1 negado (cumplicidade): criancice, inveja, picante, obsessão, passatempo, prazer, provocação. S2 (desordem): agressividade, degradação, asco, exibição, grosseria, mal, obscenidade, orgia, pecado, prostituição, vício, violência. S2 negado (recuperação-sublimação): amor, arte, beleza, doçura, harmonia, herói, performance, ternura, veludo. (Lindekens, 2005, n.p.)

Segundo Lindekens (2005 [1975]), a representação de cada imagem¹⁰ pode recuperar o “interdito” para legitimar sua representação. Em outros termos, o autor sugere que a forma como cada imagem é feita, se é original, reproduzida, desenhada, etc., pode inferir em um conjunto de figuras que, em uma primeira esfera (visual), pode criar diferentes isotopias (ver Figura 2).

Desse modo, como nos direciona o autor, a substância da expressão estaria correlacionada às estruturas de oposição no nível fundamental (do percurso gerativo do sentido), em que a primeira forma da expressão da foto consiste nos traços relevantes (distintivos) para o reconhecimento da imagem que são selecionados de acordo com a esfera “visível” da substância da expressão durante o processo de percepção e são reconhecidos como formas relevantes de

⁹De acordo com Greimas e Courtés (2012, p. 245-246), esse conceito se situa no componente semântico do nível discursivo do percurso gerativo do sentido, tornando o discurso uniforme e garantindo ao discurso-enunciado sua homogeneidade. Bertrand (2003, p. 153) parte da definição de que a isotopia seja “a permanência de um efeito de sentido ao longo da cadeia do discurso”.

¹⁰ Imagem fotográfica (mecânica), imagens referenciais, imagens desenhadas conforme imagem fotográfica.

uma mensagem fotográfica. Exemplos de estruturas da forma da expressão, de acordo com Lindekens (1971a [1968], p. 97), são oposições como “nuançado *vs.* contrastado”, “imagem real *vs.* imagem iconizada” e são essas oposições que “conduzem” os elementos estruturais do texto em “detalhes e contornos” a uma variação de sentido (Lindekens, 1971a [1968], p. 97).

Portanto, para o autor, os significados “visíveis” do plano da expressão do signo fotográfico constituem seu plano do conteúdo; a substância do conteúdo é, então, a “conceituação informativa”, nesse caso ainda não verbalizada e não estruturada por esquemas de oposições culturais. Assim que essa substância, organizada em oposições e estruturas, se coordena em esquemas conceituais, o nível da forma do conteúdo é alcançado.

Lindekens (1971a [1968], p. 218) ainda examina a forma do conteúdo de uma fotografia por meio de um método do diferencial semântico, no qual ele, por exemplo, pergunta a um grupo como classificaria uma dada foto em escalas semânticas como “ativo-passivo”, “puro-impuro”, “certo-incerto”. Lindekens (1971a [1968], p. 250) considera, no entanto, as estruturas dessas escalas semânticas somente como “indícios secundários” ou como “transcodificações” de um conteúdo “puro” e “pré-verbal”. “Essa significação intrínseca (em relação com o sentido) é imediatamente percebida pelo leitor, mesmo se esse último não tem consciência disso, e se, através da consequência, o expressa na sua verbalização, pelo menos em parte” (Lindekens, 2005 [1975], n.p.).

Lindekens (2005 [1975]) parte do pressuposto de que a substância semiótica pertence a uma tipologia de representações¹¹, o que poderia significar que nenhuma combinação de características icônicas e relevantes é concebível fora das determinações, a *priori*, de uma forma intrínseca que é determinável como membro de uma classe de oposições como: “imagem de pintura *vs.* imagem mecânica; e mais precisamente ainda: imagem arte pintada contra imagem de arte gravada; e mesmo; imagem gravada no ponto seco *vs.* imagem de madeira *vs.* litografia, etc.” (Lindekens, 2005 [1975], n.p.).

Em outra perspectiva, mas também com ênfase nos possíveis desdobramentos teórico-metodológicos do plano da expressão, na década de 1980, autores como Felix Thürlemann (1982, 1986) e Jean-Marie Floch (1985, 2014 [1987]) propõem análises que deram conta de uma semiótica visual e exploraram as possíveis semelhanças entre as formas da expressão em diferentes tipos de imagens (pictóricas, escultóricas, arquitetônicas, etc.). Os autores mostraram que as produções visuais de grande alcance no espaço e no tempo podem compartilhar a mesma organização subjacente (uma forma invariante).

Thürlemann (1982, 1986) e Floch (1985, 2014 [1987]) não descartam a importância da “materialidade” da substância da expressão nas imagens, mas pressupõem que a mesma substância que as compõem estão imersas entre as oposições e as diferenciações das formas (do conteúdo e da expressão), o que torna as análises centradas no plano da expressão complexas. Na análise de *Blumenmythos (Flowermyth)*¹², de Paul Klee (ver Figura 3), Felix Thürlemann (1982) explorou a relação entre as formas da expressão e as formas do conteúdo de maneira sistemática e, de acordo com Dondero e Garcia (2016, p. 8), o autor não levou em consideração se a tela de Klee está coberta com uma gaze ou qual o lugar da substância nessa pintura e os tipos de movimentos de inscrição que esse meio proíbe e possibilita.

¹¹ Lindekens (1971b) discorre sobre esse assunto de forma exaustiva em *Sémiotique de l'image: analyse des caracteres typographiques*.

¹² Pintura feita em aquarela com primer, plano de giz sobre gaze em papel de jornal e papel de prata em bronze e papelão.



Figura 3: Imagem retirada da internet: *Blumen-Mythos (Flowermyth)*, de Paul Klee.

A sugestão de Thürlemann (1982) é o reconhecimento de organizações da expressão e as relações entre expressão e conteúdo. Na análise de *Blumenmythos*, por exemplo, o autor compreende que para identificar as figuras flor ou o torso de mulher, é preciso também caracterizar distinções de cor, de forma e de localização no espaço. Cabe, como propõe Thürlemann (1982), observar as manifestações topológicas, cromáticas e eidéticas, ou mesmo a organização da forma da expressão. Essas três categorias plásticas (topológicas, cromáticas e eidéticas) são, para o autor, um meio de oposição entre zonas e subzonas da imagem. Trata-se de um complexo de variáveis visuais compostas por fatores perceptíveis como cor, textura, tamanho, orientação ou contorno.

Thürlemann (1982, 1986) desenvolveu também um modelo diferenciado das unidades mínimas distintivas de percepção da imagem no contexto da semiótica de Greimas (1976 [1966], 1975 [1970]). O autor passa a distinguir duas formas de unidades da expressão mínimas: categorias eidéticas (como: contornos, cantos, côncavo/convexo, simetria, compactidade, direção e dimensão) e categorias cromáticas (como: tonalidade e saturação).

Nesse sentido, Thürlemann argumenta:

O fato de que um texto imagético individual é precedido com frequência, por um texto linguístico de conteúdo, não é um argumento contrário à autonomia discursiva de um texto imagético. Isto porque, mesmo quando o conhecimento do texto linguístico deva ser precisado ou corrigido por comentários do texto imagético 'ilustrador' (Thürlemann apud Santaella; Nöth, 1998, p. 43).

O autor se debruça sobre o papel da figuratividade no interior do discurso pictural e denomina suas unidades como um plano de articulação de elementos, de acordo com princípios de oposição entre os contrastes da expressão elementares pertencentes ao campo da cor e da forma. Thürlemann (apud Greimas; Courtés, 1989) afirma que o estudo da semiótica da cor constrói figuras da expressão constituídas por traços diferenciais (puro/mesclado, brilhante/opaco, saturado/não saturado) que auxiliam na construção do sentido.

Essa nova perspectiva, que observa a relação entre a forma da expressão e a forma do conteúdo, oferece um novo modo de análise que associa diretamente as relações de cor e de

forma (plano da expressão) com as relações de sentido (plano do conteúdo). O autor (apud Greimas; Courtés, 1989) explica que é nessa relação que os sistemas semissimbólicos são compreendidos, como sistemas significantes caracterizados não pela conformidade entre as unidades do plano do conteúdo e do plano da expressão, mas pela correlação entre determinadas categorias dos dois planos.

Na década de 80, com *De l'imperfection*, Greimas (1987) marca o que podemos entender como níveis da expressão, relacionados a uma semiótica do visível, que inclui objetos como a pintura, na qual se estabelece “o patamar eidético sendo considerado o mais superficial, seguido pelo cromático, e situando-se a luz no nível mais profundo desse gênero de percepção estética” (Greimas apud Lopes, 2003, p. 69). De acordo com Greimas (1987), as formas (dimensão eidética) são compostas por massas de cores e são efeitos resultantes da aplicação de cromatismos. Assim, a cor (dimensão cromática) é dependente da luz, a qual estabelece também as tonalidades diferenciais entre tons claros e escuros. Essa hierarquização é apresentada em Lopes (2003, p. 69) e a reproduzimos no quadro seguinte (ver Tabela 1):

Nível superficial	<i>forma</i> (eidético)
Nível intermediário	<i>cor</i> (cromático)
Nível profundo	<i>luz</i>

Tabela 1: Reprodução do quadro de Lopes (2003, p. 69).

Em trabalho posterior, Greimas (2004 [1984], p. 84-86) formula um procedimento de análise para as semióticas visuais que se estende à semiótica pictórica. O autor acrescenta às análises do plano da expressão a dimensão topológica que seria mais profunda em relação às demais (a luz, o cromatismo e a categoria eidética).

Sobre esse aspecto, Jean-Marie Floch (1985) defende que não há expressão a não ser em relação a um conteúdo e, conseqüentemente, todo conteúdo é “expresso” por uma “representação” da expressão. Nessa perspectiva, Floch (1985) esclarece que a semiótica semissimbólica nasce da concepção de função poética, criada por Roman Jakobson (2007 [1960]), que é responsável por projetar o eixo paradigmático no eixo sintagmático¹³.

Partindo dessas bases, a semiótica visual ou plástica elabora, assim como a semiótica clássica, um modelo teórico-metodológico para analisar textos de diferentes linguagens: plásticas, pictóricas, entre outras. Para tanto, “Duas etapas distintas foram abordadas no caminho para o percurso gerativo: uma estruturação semionarrativa e uma discursiva” (Floch, 2014 [1987], p. 25).

As estruturas semionarrativas precedem as estruturas discursivas no percurso gerativo de sentido: “Diferentes diferenças’ são estabelecidas no nível fundamental e essas são as raízes do sentido. Elas também determinam as regras que permitem transformações ou passagens entre posições estabelecidas” (Floch, 2014 [1987], p. 25). Em outros termos, a estruturação semionarrativa seria a junção dos níveis fundamental e narrativo do modelo clássico. O quadrado semiótico, de acordo com o autor, pode ser a representação desse nível. Nas estruturas discursivas, as categorias de análise do primeiro esquema do percurso

¹³ De acordo com Jakobson (2007 [1960]) a projeção da similitude própria do eixo de seleção (paradigmático) sobre o eixo de combinação (sintagmático) mostra-se como um princípio comumente à rima, à métrica, o ritmo e o paralelismo na poesia.

gerativo do sentido são mantidas, mas três novas categorias são adicionadas: a eidética, a cromática e a topológica.

Elas são os pontos em que ele escolhe ter um ou mais actantes para preencher uma função narrativa específica; é também a fase em que ele decide se sua expressão permanecerá abstrata ou *tomará uma forma figurativa* (Floch, 2014, p. 25, *grifo nosso*).

Na figura (ver Figura 4) abaixo, demonstramos como Floch (2014 [1987], p. 25) propõe um diagrama como um “esboço do percurso gerativo” com as estruturas semionarrativas e discursivas:



Figura 4: FLOCH, J. M. A contribuição da semiótica estrutural para o design de um hipermercado. *Galaxia* (São Paulo, Online), n. 27, p. 25, jun. 2014.

A constituição do percurso gerativo apresentado por Floch (2014 [1987]) foi feito com base em seu estudo sobre um hipermercado da cadeia *Mammouth* aberto pela Cofradel¹⁴ de Lyon, no qual forneceu um modelo interpretativo para as representações dos consumidores e suas expectativas sobre o hipermercado. De acordo com o autor, “[...] a abordagem semiótica estruturalista, com seu foco na expressão da lógica do discurso, sempre teve um interesse particular nas formas das narrativas que a regem, indo muito além da segmentação textual em parágrafos ou frases”. (Floch, 2014 [1987], p. 26).

Assim, propõe nesse estudo¹⁵ um esquema que seja capaz de lidar com as diferentes formas de uma narrativa, sejam elas “conto folclórico, parábola ou, no nosso caso, uma ida ao hipermercado” (Floch, 2014 [1987], p. 26). Floch (2014 [1987]) propõe que os elementos do plano da expressão, constituídos em certos tipos de substância – como a substância visível –, criam conteúdos que vão além da representação figurativa. Assim, o texto pode ser analisado pelo arranjo de formas, cores e materialidades que “constroem uma plástica

¹⁴Cofradel (Companhia Francesa do Grande Delta) é um grupo de distribuição de varejo, baseado no sudeste da França. Opera em 1000 mercados locais, 35 supermercados e seis hipermercados *Mammouth*. (Floch, 2014 [1987], p.23)

¹⁵ Desenvolvido a partir da semiótica narrativa inspirada em Propp (1958 [1928]).

da expressão investida de conteúdos que se põem a circular na imbricada articulação de relações significantes” (Floch, 2014 [1987], p. 22).

Desse modo, as linguagens constituídas entre uma categoria da expressão e uma categoria do conteúdo e denominadas semissimbólicas atuam, como explicita Floch (2014 [1987], p. 45), de modo a reorganizar a dimensão figurativa “de pinturas, pôsteres e filmes, ‘corrompendo-a’ para produzir um discurso diferente, tanto de maneira mais abstrata, como, mais frequentemente, de natureza ideológica”.

As vantagens desses procedimentos apontados por Lindekens (1971a [1968], 2005 [1975]), Thürlemann (1982, 1986) e Floch (1985, 2014 [1987]) estão na ênfase dada às categorias formais do plano da expressão que, além de apontar diferenças entre sistemas significantes, manifestam a figuratividade resultante da geração do sentido descrita no percurso gerativo e investida de valores articulados desde o nível fundamental.

3 Considerações finais

Como descrito anteriormente, o interesse por textos estéticos motivou preocupações relacionadas às análises da expressão. Particularmente a semiótica poética e, por decorrência, a semiótica visual ou plástica projetam seus interesses nos dois planos do texto e buscam explorar as relações semissimbólicas que se estabelecem entre eles. Embora o plano da expressão tenha ganhado relevância nas últimas décadas, ainda não existe um percurso gerativo a ele relacionado como temos para o plano do conteúdo, no entanto, atualmente, o que encontramos são percursos sugeridos para textos plásticos ou visuais ou, ainda, o percurso gerativo do plano da expressão proposto por Fontanille (2008), em que o termo expressão se refere a tipos manifestantes da experiência semiótica (signos-figuras, textos-enunciado, objeto, cenas práticas, etc.).

Como apresentado, Lindekens (1971a [1968], 2005 [1975]), Thürlemann (1982, 1986) e Floch (1985, 2014 [1987]) formularam propostas de análise que agregam problematizações ao conceito teórico-metodológico do percurso gerativo do sentido já consolidado, propondo reflexões sobre a relação entre o plano do conteúdo e o plano da expressão que podem ser observadas pela materialidade significativa, anteriormente excluída do percurso de geração do sentido em sua primeira formulação, e trazem ao centro da discussão o papel que a leitura conotativa dos mecanismos sensoriais de percepção exercem na produção de sentido, principalmente pela análise das formas e substâncias dos planos da linguagem, como podemos observar na Tabela 2 (ver Tabela 2).

Pressupomos, nessa breve discussão teórica, que os autores citados acima retomam as principais concepções de Hjelmslev (2006 [1943]) sobre forma e substância e aplicam esses conceitos à semiótica visual agregando ao percurso gerativo do sentido, que até então era “restrito” ao plano do conteúdo, propostas que possibilitam articular o plano da expressão ao plano do conteúdo pelas suas diferentes materialidades, seja por meio das formas ou das substâncias do plano do conteúdo ou do plano da expressão.

Nessa mesma perspectiva, também pressupomos que as análises do plano da expressão remetem ao nível discursivo, ou, mais especificamente, ao componente semântico (sub-componente temático-figurativo) do plano do conteúdo. Sobre esse aspecto, as formas e as substâncias do conteúdo e da expressão podem alterar o percurso figurativo (no nível discursivo) se considerarmos todos os arranjos de figuras que podem decorrer desse processo.

Contribuições ao percurso gerativo do sentido

UNIDADE OBSERVADA	AUTORES			
Nível Fundamental (oposição de base)	Forma da expressão/substância da expressão	René Lindekens (1971a [1968], 2005 [1975])	Felix Thürlemann (1982,1986)	Jean Marie Floch (1985, 2014 [1987])
Nível Narrativo (Relação sujeito / objeto)				Componente sintático/componente semântico
Nível Discursivo (Figura e temas)		Operações e processos/relações e posições. Invariantes (formas do conteúdo e formas da expressão)	Homologação das formas da expressão às formas do conteúdo (semisimbolismo)	Variáveis do plano do conteúdo e da expressão (substância de cada plano). Homologação entre os dois planos (semisimbolismo).

Tabela 2: Resumo das principais contribuições dos autores citados ao percurso gerativo de sentido.

Observamos, ainda, que as problematizações apresentadas por esses autores acrescentam noções importantes ao conceito de figuratividade ao salientarem que a relação entre forma e substância do conteúdo e forma e substância da expressão instaura a apreensão do sentido. As discussões apresentadas por Lindekens (1971a [1968], 2005 [1975]), Thürlemann (1982, 1986) e Floch (1985, 2014 [1987]) nos levam à compreensão de que a relação das formas e substâncias entre os planos da linguagem determina as isotopias como um sistema de valor por meio de figuras, o que, paulatinamente, erige os temas e o(s) sentido(s) de determinado texto.

Contudo, este trabalho se limita a uma discussão teórica que está longe de ser finita e exaustiva, o que abre precedentes para outras afirmações e debates, como se dá com frequência em semiótica (Cf. Portela, 2012). Nosso propósito foi apenas demonstrar com a nossa hipótese que os autores Lindekens (1971a [1968], 2005 [1975]), Thürlemann (1982,

1986) e Floch (1985, 2014 [1987]), ao dedicarem seus esforços à semiótica do visual e retomarem as noções de formas e substâncias – postuladas por Hjelmslev (2006 [1943]) – do conteúdo e da expressão no percurso gerativo do sentido, instauraram uma possibilidade de tornar a análise do plano da expressão operacional ou metodológica no que tange a incorporá-lo na análise do nível discursivo (figurativo) e seus possíveis desdobramentos, já que a partir da disposição das figuras de um texto – e os componentes que formam essas figuras, como, por exemplo, a substância da expressão – é possível chegar a mais de uma leitura temática e, conseqüentemente, a diferentes sentidos. Portanto, achamos necessário colocar em debate definições e descrições de conceitos e análises já aplicadas anteriormente por semioticistas por acreditarmos ser a “ponte” para ampliar a teoria semiótica e dar “concretude” às análises dos textos que emergem na contemporaneidade. ●

Referências

- BARROS, Diana Luz Pessoa de. Texto e imagem. *Linguagens*. Revista da Regional Sul, Porto Alegre, n. 1, p. 29-38, 1986.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria semiótica do texto*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2001.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. Publicidade e Figurativização. *Alfa*, São Paulo, v. 48, n. 2, p. 11-31, 2004.
- BERTRAND, Denis. *Précis de sémiotique littéraire*. Paris: Nathan/HER, 2000.
- BERTRAND, Denis. *Caminhos da semiótica literária*. Bauru: EDUSC, 2003.
- CORTINA, Arnaldo; MARCHEZAN, Renata C. In: BENTES, Anna Christina; MUSSALIN, Fernanda. *Introdução à Lingüística: fundamentos epistemológicos* v. 3. São Paulo: Cortez, 2003.
- DONDERO, Maria Giulia; GARCIA, Everaldo Reyes. Les supports des images: de la photographie à l'image numérique. *Revue française des sciences de l'information et de la communication*. 2016. Disponível em:<<http://journals.openedition.org/rfsic/2124?lang=en#tocfrom1n2>>. Acesso: 30/11/2017.
- FIORIN, José Luiz. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2002.
- FLOCH, Jean-Marie. *Petites mythologies de l'œil et de l'esprit. Pour une sémiotique plastique*. Paris: Hadès-Benjamns, 1985.
- FLOCH, Jean-Marie. A contribuição da semiótica estrutural para o design de um hipermercado. *Galáxia* (São Paulo, Online), n. 27, p. 25, jun. 2014.
- FONTANILLE, Jacques. *Pratiques sémiotiques*. Paris: PUF, 2008.
- FONTANILLE, Jacques; ZILBERBERG, Claude. *Tensão e significação*. São Paulo: Humanitas, 2001.
- GREIMAS, Algirdas Julien. *Sobre o sentido: ensaios semióticos*. Petrópolis: Vozes, 1975.
- GREIMAS, Algirdas Julien. *Semântica estrutural: pesquisa de método*. 2. ed. São Paulo: Cultrix/ Universidade de São Paulo, 1976.
- GREIMAS, Algirdas Julien. *De l'imperfection*. Périgueux: Pierre Fanlac, 1987.
- GREIMAS, Algirdas Julien. Semiótica figurativa e semiótica plástica. In: OLIVEIRA, Ana Cláudia de (Org.). *Semiótica plástica*. Trad. de Assis Silva. São Paulo: Hacker Editores, 2004. p. 75-96.
- GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÈS, Joseph. *Sémiotique, dictionnaire raisonné de la théorie du langage*. Tomo II. Paris: Hachette, 1986.

- GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. *Diccionario razonado de la teoria del lenguaje*. Tomo II. Trad. Enrique Ballón Aguirre. Madrid: Editorial Gredos, 1989.
- GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. *Dicionário de Semiótica*. São Paulo: Contexto, 2012.
- GREIMAS, Algirdas Julien; FONTANILLE, Jacques. *Semiótica das paixões*. São Paulo: Ática, 1993.
- HJELMSLEV, Louis. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- JAKOBSON, Roman. *Linguística. Poética. Cinema*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- LINDEKENS, Réne. *Éléments pour une sémiotique de la photographie*, Paris, Didier, 1971a.
- LINDEKENS, Réne. *Sémiotique de l'image : analyse des caracteres typographiques*. Urbino: Università di Urbino, 1971b.
- LINDEKENS, Réne. Imagens pornográficas e imagens de arte: abordagem de uma teoria de uma substância da imagem. *Revista Caligrama*, v. 1, n. 3, 2005. Disponível em: < <http://www.revistas.usp.br/caligrama/article/view/56699/59728>>. Acesso em: 05/11/2017.
- LARA, Gláucia Muniz Proença. A imagem como objeto de ensino. *Cadernos de Semiótica Aplicada*, v. 9, n. 1, jul dez 2011.
- LOPES, Ivã Carlos. Entre expressão e conteúdo: movimentos de expansão e condensação. *Itinerários*. Número especial, 2003, p. 65-75.
- MATTE, Ana Cristina. Fricke; LARA, G. M. Semiótica greimasiana: iniciando a conversa. *Anais da VI SEVFALE*, Belo Horizonte, UFMG, 2006, p. 35-50.
- MENDES, Conrado. Moreira. Modalizações do fazer no episódio “Hino Nacional”, do seriado Black Mirror. *Significação*, São Paulo, v. 44, n. 48, p. 32-52, jul-dez. 2017.
- OLIVEIRA, Ana Cláudia de. Semiótica plástica ou semiótica visual? In: OLIVEIRA, A.C. (org.). *Semiótica plástica*. São Paulo: Hacker Editores, 2004, p. 11-25.
- PORTELA, Jean Cristtus. Semiótica midiática e níveis de pertinência. In: DINIZ, M. L. V. P.; PORTELA, J. C. (Org.). *Semiótica e Mídia: textos, práticas, estratégias*. Bauru: Unesp/Faac, 2008, pp. 93-113.
- PORTELA, Jean Cristtus et al (Org.). *Semiótica: identidade e diálogos*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.
- PRADO, M. G. S.; SANTOS, F. K. R. Epistemologia e história dos conceitos de enunciação e de figuratividade na semiótica francesa. *ENTRETEXTOS (UEL)*, v. 17, p. 275-302, 2017.
- PROPP, Vladimir. *Morphology of the folktale*. Traduzido por Laurence Scott. Austin: Texas Univesity Press, 1958.
- SANTAELLA, Lucia; NÖTH, Winfried. *Imagem: cognição, semiótica, mídia*. São Paulo: Iluminuras, 1998.
- THÜRLEMANN, Felix. *Paul Klee. Analyse sémiotique de trois peintures*. Lausanne : L'Age de l'homme, 1982.
- THÜRLEMANN, Felix. Semi-symbolique (system, langage, code). In: GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. *Sémiotique: Dictionnaire Raisonné de la Theorie du Langage*, Tome II. Paris: Hachette, 1986. p. 203-204.

Dados para indexação em língua estrangeira

Mazzaron de Castro, Carolina; Portela, Jean Cristtus
The notion of content and expression in the generative path of
meaning

Estudos Semióticos, vol. 14, n. 3 (2018)

ISSN 1980-4016

Abstract: *This work intends to propound a theoretical discussion about the analysis of content plane and expression plane in the generative path of meaning assuming the theoretical methodological procedure proposed by the discursive semiotics, mainly with works presented by Lindekens, Thürlemann and Floch, on the plastic or visual semiotics perspective. Since the '60s or '70s, with Lindekens's works, an analysis of methodology has been planned on the plane of expression, mainly to observe the form and substance of this plane, theme that is taken up again with Thürlemann e Floch's studies in the '80s, which understands the generative path of meaning through correlation between the planes of language. The discussions presented by these authors point differences between the signifier systems described in the generative path of meaning; recapitulate the concepts of form and substance of content and form and substance of expression postulated by Hjelmslev and motivate debates about the analysis of the expression plane, which is the central theme of contemporary semiotics.*

Keywords: *Content; Expression; Generative path of meaning; Visual semiotics.*

Como citar este artigo

Mazzaron de Castro, Carolina; Portela, Jean Cristtus. A noção de conteúdo e de expressão no percurso gerativo do sentido. *Estudos Semióticos*. [on-line] Disponível em: (www.revistas.usp.br/esse). Editores Responsáveis: Ivã Carlos Lopes, José Américo Bezerra Saraiva e Eliane Soares de Lima. Volume 14, Número 3, São Paulo, dezembro de 2018, p. 1-14. Acesso em "dia/mês/ano".

Data de recebimento do artigo: 27/07/2018

Data de sua aprovação: 15/10/2018
